

Lulismo em longo prazo

Gustavo César de Macêdo Ribeiro¹

Resenha de SINGER, André. **Os sentidos do lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Os sentidos do lulismo – reforma gradual e pacto conservador, livro mais recente do cientista político e jornalista André Singer, tem, pelo menos, duas características que o tornam um marco do pensamento político-social brasileiro contemporâneo. A primeira é a capacidade de estabelecer um debate em torno de si, de se tornar quase uma referência inescapável (seja sob a marca da reiteração, seja da crítica) para os que buscam compreender os contornos atuais da vida política nacional. Como tal debate se estende para além das cercanias acadêmicas, ele mesmo influencia a segunda característica, que é a de oferecer à linguagem política corrente o conceito de *lulismo*, tornando-o, ademais, capaz de “espiralar dentro e fora”² do campo das ciências sociais, difundindo-se tanto no domínio acadêmico quanto na controvérsia política e jornalística.

Tal difusão, note-se, precede a publicação de *Os sentidos do lulismo*, com a produção de uma série de artigos que se inicia com *As raízes sociais e ideológicas do lulismo*³. Dessa forma, a obra em questão se torna uma compilação das principais noções e análises formuladas por Singer a partir de seu conceito seminal (e com ajuda do próprio debate estabelecido em torno dele, como o próprio reconhece), ao mesmo tempo, representa uma complementação e um acabamento de seus argumentos.

O livro também marca uma mudança de perspectiva no trabalho do autor: se a análise política mais ampla das determinantes históricas do contexto e a pesquisa sobre o comportamento eleitoral formam um par constantemente presente em seus trabalhos, desde *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro* (SINGER, 2002), n’ *Os sentidos do lulismo*, a primeira se sobrepõe à segunda, mesmo que a análise eleitoral seja a base para toda a cadeia explicativa dos anos Lula desenvolvida ao longo do trabalho. Isso leva a mudanças no próprio sentido do livro. Como notado por alguns resenhistas, *Os sentidos do lulismo* é antes um escrito inserido no “gênero das interpretações abrangentes da sociedade brasileira” (KEINERT, 2012, p. 259)⁴ do que um estudo eleitoral (como haveria de esperar o leitor de sua produção anterior, inclusive dos artigos precursores sobre *lulismo*).

¹UFRN. Contato: gustavo.cmr@gmail.com

²Para utilizar a imagem de Anthony Giddens (1991, p. 20).

³Encartado na revista *Novos Estudos* (SINGER, 2009) e reproduzido com modificações no livro.

⁴Ver também a série de artigos sobre o livro publicados por Juarez Guimarães (2012) no sítio da revista *Teoria e Debate*.

Singer, portanto, parte das interpretações iniciais acerca do realinhamento eleitoral *lulista* e incorpora, ao longo do livro, análises a respeito da incidência multifacetada desse fenômeno sobre a política brasileira. Para o autor, o *lulismo* é, especificamente, o encontro da liderança de Lula com a fração da classe trabalhadora composta por aqueles que oferecem sua força de trabalho, mas não conseguem encontrar “quem esteja disposto a adquiri-la por um preço que assegure sua reprodução em condições normais” (SINGER, 2012, p. 77) – o subproletariado. Tal encontro provoca uma “conversão de blocos eleitorais”, um realinhamento que transporta, de forma “intempestiva” e “subterrânea” aos olhos da opinião pública majoritária, o estrato mais amplo da pirâmide social brasileira⁵ e, portanto, mais decisivo do ponto de vista eleitoral como também a recusa ao petista no período anterior a 2006, tornando-a o principal alicerce de apoio em sua reeleição (o que se estende à vitória de Dilma Rousseff, em 2010). A movimentação dos blocos nos anos de formação do *lulismo* é complementada pelo abandono do respaldo eleitoral aos candidatos presidenciais do PT por parte das classes médias, revertendo a tendência que vigorou até 2002. Isso ocorre principalmente após o assim chamado escândalo do mensalão, em 2005.

A inserção característica do subproletariado na estrutura de classes brasileira faz com que seus principais anseios no plano econômico sejam justamente a superação da condição de classe na qual está imerso e a consequente inserção no mundo do trabalho capitalista. Por extensão, tal posicionamento influencia diretamente sua configuração político-ideológica. Para Singer, tal grupo é portador de um “programa ideológico”: o combate à desigualdade (baseado na afeição ao governante que move o Estado no sentido da consecução desse objetivo, agindo “de cima para baixo”) dentro da ordem (sem o recurso a movimentos ou ações que o abalem). Portanto, como os feitos dos governos Lula garantem a realização dos objetivos econômicos primordiais de inclusão da fração subproletária sem ultrapassar os limites de seus anseios políticos de manutenção da ordem estabelecida, sua adesão ao *lulismo* torna-se, conforme os termos de Singer, transparente.

Dessa maneira, o professor da USP avança nas análises e advoga, no decorrer do livro, que o impacto do realinhamento lulista potencialmente tornará o referido fenômeno o centro gravitacional da vida política por um longo período. Sua vigência atual, ademais, provocou mudanças decisivas na movimentação dos atores políticos enredados na política institucionalizada: reconfigurou a relação do Presidente com as classes fundamentais do capitalismo brasileiro, enquadrando a ação governamental dos anos Lula, por um lado, na inauguração de um “imaginário rooseveltiano” e, por outro, na implementação de um “reformismo fraco”.

⁵Equivalente a 48% da PEA, conforme o estudo precursor de Paul Singer (1981), formulador do conceito de subproletariado.

Em relação à primeira modificação, Singer parte da análise do *lulismo* como uma forma de representação política que ocorre desde o alto escalão e enseja, conforme o diálogo que trava com a tradição marxista, um “movimento sem mobilização”, conferindo ao chefe do Executivo Federal a condição de “autonomia bonapartista”. Esse, quando no poder, passa a estabelecer uma relação “arbitral” com as classes fundamentais, burguesia e proletariado, ora implementando parte dos seus programas político-econômicos, ora suspendendo-os em benefício da não radicalização da disputa política. Como consequência, a luta de classes passa “ao fundo da cena” e suas posições representativas originais, direita e esquerda, são substituídas, durante o período lulista, pelo confronto político entre ricos e pobres, em um movimento de “repolarização” que se faz representar no plano eleitoral por PSDB e PT.

Tal cenário “repolarizado” constitui-se na janela de oportunidades para a instauração de um ambiente ideológico “rooseveltiano”, consolidado após as realizações dos governos Lula, marcadamente nas áreas econômica e social. Assentadas em uma combinação de ações, implementadas em intensidades variadas ao longo do período, porém intensificadas no segundo mandato, as políticas do governo petista foram responsáveis pela criação do clima de *New Deal*. Nessa seara, Singer salienta a centralidade obtida pelos programas sociais (do Bolsa Família ao Minha Casa, Minha Vida), o aumento do acesso ao crédito e as estratégias de valorização do salário mínimo.

Em realidade, os impactos daquelas ações governamentais foram consideráveis – levaram à queda do desemprego (estabelecendo quase um patamar de pleno emprego) e dos índices de pobreza e desigualdade⁶, além de produzir um mercado interno de consumo de massas (o que foi decisivo, entre outras coisas, para o combate aos impactos da crise internacional de 2008). Contudo, em sintonia com a relação arbitral com as classes, tais políticas representaram a versão “diluída”, “homeopática” das propostas históricas de constituição de um Estado de bem-estar social, transformando-se, segundo Singer, em um “reformismo fraco”, o que, em acréscimo, moldou-se como uma adaptação das propostas de “reformismo forte” do qual o próprio Partido dos Trabalhadores é portador. Esse, aliás, conforme a chave interpretativa proposta pelo livro, talvez tenha sido o ator político a passar pelas modificações mais decisivas durante o período lulista, incorporando em sua prática, desde a Carta ao Povo Brasileiro de 2002, uma “segunda alma”, o “espírito do Anhembi”, mais afeita à abertura à economia internacional. Ela toma corpo, porém, por meio da “síntese contraditória” com o “espírito do Sion”, justamente de viés reformista mais acentuado, presente desde sua fundação e nunca totalmente abandonado.

Forjando um estilo próprio, baseado na utilização característica de um considerável arcabouço de conceitos, ora pioneiramente produzidos, ora reformulados de maneira peculiar,

⁶Os primeiros, porém, caíram mais rapidamente que os segundos, registra Singer.

André Singer consegue produzir uma das análises mais instigantes e influentes sobre o período Lula até agora produzidas. Nesse sentido, mesmo a principal lacuna de seu trabalho, a falta de densidade empírica de determinadas teses e conceitos (note-se, por exemplo, que o autor registra não ter dados atualizados sobre a composição atual do próprio subproletariado, ator central de sua argumentação), prenuncia a formulação de uma frutífera agenda de debates acerca do conceito de *lulismo* – talvez em um espaço de tempo tão longo quanto o que provavelmente ocupará seu próprio objeto de estudos.

REFERÊNCIAS

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

GUIMARÃES, Juarez. Quem somos e para onde vamos? **Teoria e Debate**, ed. 106, 22 nov. 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/19Vnewg>>. Acesso em: 09 maio 2013.

KEINERT, Fábio Cardoso. Resenha: Os sentidos do lulismo – reforma gradual e pacto conservador. **Tempo social: revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 257-260, 2012.

SINGER, Paul. **Dominação e desigualdade**: estrutura de classe e repartição da renda no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SINGER, André. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SINGER, A. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. **Novos estudos**, São Paulo, n. 85, p. 83-102, 2009.